

«Quando a fé se torna conversa, o mundo escuta»

O professor de Comunicação Institucional da Pontifícia Universidade da Santa Cruz de Roma, Marc Carroggio, deu uma palestra no Oratório Santa María de Bonaigua sobre a comunicação da fé no contexto atual. Perante uma sociedade que vive uma profunda transformação cultural, Carroggio destacou um crescente interesse pelo cristianismo, como resposta ao tédio das ideologias e à procura de sentido.

11/02/2026

«Há um crescente interesse pelo cristianismo, no mundo inteiro, que se atribui ao tédio das ideologias, à procura de uma estrutura de sentido, à escolha de experiências cristãs», afirmou Marc Carroggio, professor de Comunicação Institucional na Pontifícia Universidade da Santa Cruz de Roma, durante a palestra “Comunicação e evangelização no contexto contemporâneo”, que deu no dia 2.

O professor Carroggio iniciou a palestra expondo diversos fenómenos culturais, que chamam imenso a atenção pela sua inegável ligação com a religiosidade, ao projetar a escultura *Youth* (2009), do artista hiper-realista Ron Mueck. «Vemos um rapaz negro, contemporâneo, de calças de ganga, a

levantar a *t-shirt* para mostrar uma ferida, do lado direito».

«Como a arte nos permite fazer justaposições, explicou Marc Carroggio, ao lado, podemos ver *Cristo mostrando as Suas chagas*, no Museu de Perth, uma obra do pintor Giacomo Galli, seguidor de Caravaggio, que nasceu em Siena, em 1597, e morreu em Roma, em 1649».

A obra de Ron Mueck fez parte da exposição “*Sin*”, organizada pela *National Gallery* de Londres, em 2020. Na apresentação da exposição, dizia-se: «Um jovem levanta a *t-shirt* para examinar uma ferida. Evoca a imagem de Cristo mostrando a sua ferida sacrificial. Será a juventude outro tipo de Cristo? Esta obra desmantela os estereótipos e preconceitos perpetuados pelo ciclo contínuo do pecado da sociedade».

Para o professor Carroggio, em contrapartida, o que a escultura de

Ron Mueck e o óleo de Galli nos dizem é «que todos somos um pouco Cristo, todos temos feridas e todos podemos curar-nos», e a exposição da *National Gallery* «é uma grande catequese sobre a criação e a redenção». Em 2000, este museu organizou outro evento intitulado: *The image of Christ*, “O rosto de Cristo”, talvez o tema mais repetido na história da pintura. «Todas as grandes coleções de pintura europeia são inevitavelmente grandes coleções de arte cristã e grandes catequeses».

O caso Rosalía e o filme italiano *Buen Camino*

Carroggio também abordou a cultura *pop* e o caso Rosalía e respetivo álbum: *Lux*, «que foi um marco histórico no *Spotify*, tornando-se o álbum, em espanhol, com o maior lançamento da história, com mais de 42 milhões de reproduções no primeiro dia». Carroggio mostrou ao

público um pequeno vídeo da cantora a conversar com uma amiga, onde Rosalía diz estar convencida de que tem um vazio interior «que só Deus pode preencher».

No âmbito dos meios de comunicação, o maior evento de 2025 foi a morte do Papa Francisco e a eleição do seu sucessor. «A eleição do Papa Leão foi o momento televisivo mais forte do ano passado, como demonstra a transmissão ao vivo da BBC britânica que, quando saiu fumo branco da chaminé da Capela Sistina, a comentadora se emocionou e disse: “Temos um novo Papa!”».

Por último, o professor Carroggio disse que *Buen Camino*, um filme italiano, do comediante Checco Zalone, sobre o Caminho de Santiago, «é número 1 de bilheteira em toda a história de Itália, ultrapassando até *Avatar*».

Transformação cultural e sede de sentido

Paradoxalmente, estas manifestações artísticas coexistem com uma inegável e profunda transformação cultural e legal. Entre 2000 e 2023, o número de casamentos católicos diminuiu 53%, em todo o mundo. Na Europa, a redução foi de 78%.

Paralelamente, disse Marc Carroggio, «há um interesse crescente pelo cristianismo, que se atribui ao tédio das ideologias, à procura de uma estrutura de sentido, à escolha de experiências cristãs. E, nesse sentido, Barcelona é um laboratório onde vemos um aumento progressivo de jovens que se aproximam das paróquias, da Adoração da Sagrada Eucaristia e de outras manifestações espontâneas dos fiéis cristãos».

«Durante a Vigília Pascal do ano passado, em França, foram batizadas

17 mil pessoas, a grande maioria adultos. O crescimento dos batismos de adultos no país gaulês foi de 31% entre 2024 e 2025. E, há poucos dias, em Madrid, tiveram lugar dois grandes encontros: “*Llamados*”, que contou com a presença de 6000 jovens, e “*El despertar*”, com 5000 participantes».

«Vivemos momentos muito interessantes, semelhantes à época do fim do Império Romano no Ocidente, a de Santo Agostinho, que vem do mundo pagão e acaba por ser um farol de luz da fé». É verdade que há “fatores-barreira”, como o imediatismo, a dificuldade em concentrar-se, em contemplar, bem como o individualismo. «Mas também há “carências férteis”, vazios culturais que podem tornar-se terreno fértil para a evangelização».

Chaves para a comunicação da fé

Por fim, o conferencista, citando a mensagem de Leão XIV na Cúria, do passado dia 22 de dezembro, expôs alguns pontos para a comunicação da fé.

A Igreja, disse o Papa, «é, por natureza, orientada para fora».

«Primeiro ponto: abertura (orientada para fora, portas abertas); com carácter afirmativo, para levar a boa nova; alegria: o cristianismo não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva (nas palavras de Joseph Ratzinger)». «A Igreja leva-nos a um banquete festivo, que o Senhor nos prepara», disse Carroggio, que recordou o belíssimo filme de 1987: *A Festa de Babette*, imagem do banquete que o pai oferece ao filho pródigo quando este regressa a casa.

Outros pontos que mencionou são a liberdade e a relação: «Deus convida-nos, ninguém é obrigado a vir ao banquete»; a relação como fim em si mesma (não como meio), é necessário descobrirmo-nos filhos e irmãos; a espontaneidade e a confiança, dom do Espírito Santo. E a relação, que «é cristocêntrica». Também é preciso ter em conta a coerência – ser imagem de Cristo – a caridade: o filho amado. Ou a verdade: testemunhas da verdade, da justiça, da paz. E, por último, a universalidade: de todos, para todos, porque todas as pessoas podem ter um ponto de inflexão, e em tudo.
